

RASTRO E MEMÓRIA EM *ANGÚSTIA*

Larissa Cristina Viana Lopes¹
Kátia Aily Franco de Camargo²

RESUMO: O presente artigo busca analisar a evocação das lembranças de Luís da Silva, narrador de *Angústia*, de Graciliano Ramos. Em se tratando de um herói que narra fatos passados, o intento deste trabalho é averiguar como sua memória se reconstrói à proporção que repassa sua história, tentando compreender quais são os rastros, as marcas do passado que permanecem no presente do protagonista. Para isso, o artigo discute acerca do processo de reconstrução da memória com Halbwachs (2003), Bosi (2007) entre outros, e sobre as ideias de rastro de Walter Benjamin arazoadas por Ginzburg (2012), Janz (2012) e Gabnebin (2012). À luz de tais discussões, entende-se que a narração faz, principalmente, da amada e desalmada Marina e da “cara balofa” de Julião Tavares lembranças que cultivam um hoje aflito para Luís da Silva. Este evoca um passado que ressignifica o presente, uma vez que determinadas recordações (re)aparecem compondo um novo sentido que alimenta sua vingança contra o rival rico. A vida na antiga vila e as decepções causadas pela antiga noiva aspirante ao luxo constituem lembranças num processo de rememoração que explicam fracasso, vingança e angústia, evidenciando ao leitor os rastros que fazem do protagonista um herói decepcionado, angustiado.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Rastro. Lembrança. Narrador.

Introdução

Este artigo objetiva analisar as evocações das lembranças no trabalho de reconstrução da memória do personagem Luís da Silva em *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos. Considerando a narração em primeira pessoa de um passado, este trabalho intenciona fazer um estudo sobre a maneira pela qual os rastros desse passado aparecem (ou reaparecem) no presente do protagonista.

A base teórica da análise está nas concepções de memória e lembrança, em Maurice Halbwachs (2003), Ecléa Bosi (2007) e outros; e na discussão sobre rastro e memória em Jaime Ginzburg (2012), Rolf-Peter Janz (2012) e Jeanne Marie Gabnebin (2012).

Com apoio nestas discussões, analisar-se-á a evocação de lembranças de Luís da Silva nas diversas situações que são narradas a fim de verificar-se a possível relação entre suas aspirações, ações e lembranças e o tecer de sua

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: larissinhafontes@gmail.com

² Doutora em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo - USP (2005). Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

memória. Assim, poder-se-á compreender quais são as marcas, os rastros deixados na vida do narrador e que podem explicar seu presente.

O artigo se compõe de duas partes: na primeira, serão tecidas considerações sobre lembrança e rastro no trabalho de reconstrução da memória, fundamentadas nos autores já citados e em alguns outros; na segunda, será analisado o que aqui neste trabalho é denominado “tecido” da memória no relato do passado de Luís da Silva em *Angústia*.

Memória e rastro: a evocação das lembranças na reconstrução da memória

A memória, assevera Maurice Halbwachs (2003) em *Memória Coletiva*, é uma construção coletiva, pois a memória dita individual é um “ponto de vista sobre a memória coletiva” que se modifica conforme o lugar que o indivíduo ocupa, lugar este que também muda de acordo com as relações entre indivíduo e ambientes.

A memória individual é construída a partir de suas relações com os grupos e o sujeito realiza esta atividade compartilhando pensamentos e atitudes na medida de sua identificação com eles. Quiçá poder-se-ia admitir, entende o autor, que muitas lembranças apareçam porque os outros fazem tais recordações aparecerem, pois diante da distância física se pode falar em memória coletiva, uma vez que os fatos evocados têm um lugar na vida dos grupos nos quais se viveu, integrou ou com os quais se identificou, lugares revistos no exato momento da recordação, do ponto de vista desse grupo.

A razão da presença dos grupos na evocação de fatos se constitui porque o indivíduo é inserido e habitado por grupos de referência e, por isso, a memória é construída em grupo. Daí a necessidade de compreender o significado dos grupos como condição para a construção da memória, pela retomada de maneiras de pensar e agir comuns de um grupo: “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (HALBWACHS, 2003, p. 36).

Halbwachs (2003) afirma que a lembrança é fruto de um processo social coletivo justamente por causa dessa necessidade caracterizada pelas relações de grupo, de uma comunidade afetiva, a qual consente o identificar-se com pensamentos e experiências de um grupo no passado e retomá-los.

Em *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi (2007, p. 54), neste mesmo viés, argumenta que “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”, do que provém a reelaboração e atualização da memória do sujeito, a qual depende da interação com os grupos com os quais convive e que lhe servem de referência.

É nessa compreensão que a lembrança, acrescenta Halbwachs (2003), é reconhecimento e reconstrução. O já vivido e visto configura a ideia do primeiro; por não se constituir uma repetição linear de experiências do passado, mas uma retomada dos fatos na atualidade, é a ideia do segundo.

Sendo a memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva, aquela pode sofrer mudanças se as relações com o grupo também mudarem, visão que se recria em detrimento das influências sociais. É nesse sentido que a memória não se restringe a sobreviver ao passado e ao presente, contudo as vivências e o passado são reconstruídos através das ideias do presente. (BOSI, 2007).

Tendo em vista que a lembrança retoma relações sociais e não sentimentos ou ideias isoladas, reconhecimento e reconstrução estão intrinsecamente ligados a um grupo, que garante a localização da referência num quadro de referência espaço-temporal. Assim, “[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2003, p. 91).

Para a reconstrução da memória, apela-se aos testemunhos de outros para ajudar a tecer o trabalho da memória em circunstâncias obscuras. A primeira testemunha a quem se pode recorrer é a si próprio, ainda que em confronto de um ponto de vista atual com uma vivência do passado. Além da relação consigo mesmo, pode-se recorrer também ao diálogo interior ou exterior com o outro, de que resulta confronto de visões distintas que coabitam o indivíduo e o ajudam a lembrar ou indicam questões a serem observadas.

Esse confronto de testemunhas, esclarece Halbwachs (2003), baseia-se nas dimensões espaço-temporais e as lembranças se distinguem entre si numa

cadeia de recordações pelas divisões de tempo, singulares para cada indivíduo e para cada grupo.

Em oposição à imagem efêmera que oferece o tempo, o espaço traz a ideia de durabilidade, a qual ganha marcas de um grupo e faz lembrar modos de pensar e agir em outros momentos.

Memórias de um sargento de milícias (1852), de Manuel Antônio de Almeida, por exemplo, narra uma história “no tempo de rei”, representando a ideia de passado da vida de Leonardinho, o qual, ao regenerar-se da vida malandra, tem sua história contada como um passado “superado” e isso remete a ideia de memória que o título traz. Não sendo o protagonista o próprio narrador, fica difícil compreender os mecanismos de reconstrução da memória, uma vez que o leitor não tem acesso ao que o próprio personagem diria evocar em suas lembranças.

Não é o caso de *Dom Casmurro* (1899), a narrativa traiçoeira e irônica, mas também angustiada, de Bentinho a fim de restaurar na velhice a adolescência, embora não tenha conseguido recompor o que se foi. O tom memorialista passeia por entre as categorias de tempo e espaço, considerando que a história é narrada pelo Casmurro que habitava uma casa construída a partir de sua lembrança em todos os detalhes da antiga morada familiar.

O que dizia e como se comportava sua mãe, os superlativos de José Dias, as opiniões pingadas de Tia Justina, o relacionamento com a intrigante Capitu, a amizade confiada a Escobar, entre outros fatores, constituem a narrativa baseada no resgate dos fatos conforme os grupos de referência em que Bento vivia.

Como não mencionar também *São Bernardo* (1934)? No contexto das políticas trabalhistas, o sincero e atormentado Paulo Honório se vê diante de uma vida de lembranças como única coisa que lhe restou.

As memórias são narradas na tentativa de encontrar a razão de uma vida que se findou no fracasso e a recorrência a elas poderiam explicar o presente de solidão acompanhado apenas pelo pio da coruja.

A evocação da vida de guia de cego a rico fazendeiro, do casamento, das atitudes da esposa, das visitas dos amigos e dos maus tratos com os empregados-objetos, denuncia o porquê do choro do filho não lhe fazer diferença no presente. Suas memórias advertem ao leitor o que o próprio narrador conclui:

sua “alma agreste” agrediu suas experiências, afastou pessoas e a doce Madalena.

Estas obras exemplificam as afirmações de Halbwachs (2003) acerca de ser impossível pensar em memória exclusivamente individual, haja vista as lembranças serem construídas segundo as relações com grupos sociais. O acervo de lembranças compartilhadas é o resultado do trabalho da memória coletiva, articuladas e localizadas em quadros sociais comuns.

A memória pessoal, por outro lado, apesar de não se construir sem a memória coletiva, labora como uma maneira de depoimento que restringe a “ditadura” ou “imposição” das imagens coletivas.

As noções de história e tradição, em Halbwachs (2003), para o entendimento de memória definida não condizem com a ideia de passado como modelo estável, porquanto, na memória coletiva, ele é perenemente reconstruído enquanto é ressignificado, até porque a memória coletiva é concebida como um modo de história vivente em que os conteúdos vão se articulando e se atualizando.

Edineide Carvalho (2010), em *Pelas veredas do popular: um estudo sobre memória, identidade e narrativa histórica no contexto escolar*, acresce que as convicções, experiências individuais e a recriação imprescindível da memória colaboram para um indivíduo narrar-se, contar-se, uma vez que as narrativas históricas ou as lembranças de determinadas práticas culturais não estão isentas da criação individual.

Adélia Prado (1993, p. 99), em “Para o Zé”, declara que “O que a memória ama fica eterno”. Este pensamento se relaciona com as questões afetivas da memória, a comunidade afetiva, por exemplo. Talvez o que Adélia coloque seja que se eterniza aquilo que deixa marcas (de amor?) na memória (um rastro?).

Antero de Quental (1886), no poema “Consulta”, recorre às “memórias melhores de outra idade”, questionando-as: “Valia a pena, acaso, em ansiedade / Ter nascido? dissei-mo com verdade [...]” e, nessa consulta, que intitula o poema, às recordações, estas respondem: “—Não, não valia a pena!” Por meio deste pensamento, que se acerta ao de Halbwachs, as memórias confirmam ou negam fatos e sentimentos (inseridos, é claro, em contextos sociais precisos).

Os pensamentos de Prado e Quental permitem compreender que os indivíduos lembram-se do que lhes marcou, sejam coisas que se ligam às suas questões inquietantes, às suas atividades profissionais ou na desocupação e diversão. O refazer-se da memória é sua atualização e utilidade que a retira da condenação ao esquecimento.

A memória como construção coletiva e a rememoração como evocação das lembranças para reconstrução/explicação do passado e, quem sabe, do presente, remete, entre outras questões, à ideia de rastro, de vestígios. Ora, resíduos de uma história, de um acontecimento levam à compreensão de diversos fatores.

É com esta ideia que em *Walter Benjamin: rastro, aura e história*, alguns estudiosos reuniram artigos e ensaios para discutir os conceitos de Benjamin em várias esferas. O que interessa para este trabalho é a discussão aí presente sobre rastro.

Jaime Ginzburg (2012), no texto “A interpretação do rastro em Walter Benjamin” traz a ideia de que a compreensão daquilo que a linguagem pode se referir condiciona entender o alcance de uma narração. O relato, pelo homem, do passado, seja individual ou coletivo, tem necessidade de instrumentos linguísticos para trabalhar com a memória de modo articulado e inteligível.

Este é um aspecto cômodo à valorização da importância de um rastro, sendo “necessário um observador, capaz de discernir entendimentos da linguagem, diferenciando o imediatismo da atitude reflexiva e distinguindo uma atitude de leitura unívoca, por um lado, e uma interpretação de um texto caracterizada como um trabalho, uma reflexão, por outro” (GINZBURG, 2012, p. 108).

A observação de um rastro, arrazoá o autor, possibilita a reflexão sobre a existência “à luz das perdas”; trata-se de situações em que um resíduo, um fragmento, um resto de algo que existiu pode auxiliar no entendimento do passado.

O rastro é a manifestação de uma proximidade ainda que esteja longe aquilo que o deixou, seja distância topográfica ou temporal: “Aquilo que aquele rastro particular deixou para trás e que vejo na minha frente está longe”, diz Rolf-

Peter Janz, (2012, p. 20,) no artigo “Ausente e presente: sobre o paradoxo da aura e do vestígio”, apontando para a ausência de algo presente.

Essa concepção comunga com o conceito de rastro na tradição filosófica e historiográfica, afirma Jeanne Marie Gagnebin (2012), caracterizando-se pela natureza paradoxal: “presença de ausência e ausência de presença” (p. 28). Esta autora, no ensaio “Apagar os rastros, recolher os restos”, observa que a lembrança, a rememoração protege o passado, não somente em sua conservação, porém lhe garantindo a campã no solo do presente e abrindo horizontes para o luto e a sequência e o progresso da vida.

O já mencionado Janz (2012), apropriando-se das ideais de Benjamim, coloca que o rastro é descoberto pelo sujeito que o lê e que se apodera daquilo para que o rastro o conduziu, entretanto não consiste necessariamente em possuir, mas entender as coisas através dos vestígios que levaram a elas.

Talvez Bertold Brecht (2000) tenha tido essa consciência quando escreveu o poema “Apague os rastros”, num jogo de imperativos dirigidos a um interlocutor: “não abra a porta”, “não os reconheça”, “negue-o”. E ainda: “Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou retrato / Quem não estava presente, quem nada falou / Como poderão apanhá-lo?”. Os vestígios deixam/são marcas que levam alguém a alguma coisa, a um passado que explica não somente o presente, mas explica-se como o passado que foi.

A casa de Mata-Cavalos, Capitu, D. Glória, o seminário e tantos outros fatores e personagens deixaram rastros através dos quais é possível perceber e/ou explicar o que faz do narrador Casmurro, no presente, ser o que é. Na mesma medida, Paulo Honório segue os rastros de Madalena e dos setores da fazenda em anos de trabalho para tentar compreender a situação plena de malogro.

Daí ser possível dizer que a perspectiva de valorização do rastro considera as ideias da natureza messiânica eterna e fugaz. Esta atribuição envolve o homem numa ambiguidade constitutiva: “o que é vivido se torna resíduo, é necessário ultrapassar o que ocorreu e interagir com o tempo” (GINZBURG, 2012, p. 112), tempo este que se constitui como mutabilidade na construção da memória. Disso procede que o rastro deve ser compreendido na sua ambiguidade temporal, entre passado e presente. É neste segmento que

Ginzburg (2012) reitera, basicamente, que as marcas deixadas podem levar à recomposição de um percurso e contribuir para a compreensão do passado.

Feita esta discussão sobre memória e rastro, passa-se agora para a análise da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, no intuito de compreender o “tecido” da memória, como esta se constrói e forma um todo, na narração feita por Luís da Silva de sua própria história, percebendo os rastros deixados na sua vida pelos grupos de que fez/faz parte, os quais podem trazer a possibilidade de entender seu presente.

Os rastros na memória do angustiado

A história de *Angústia* se centra em todo sentimento de aflição e perturbação (de angústia!) de Luís da Silva, narrador-personagem que constrói suas linhas considerando tudo que já lhe aconteceu, num tom memorialista de retomada de detalhes em busca de reconstruir o enredo de “vida de sururu”, como funcionário da repartição onde escreve artigos.

A “cara balofa de Julião Tavares” (RAMOS, 1982, p. 7), o “intolerável”, é uma lembrança que atordoia o narrador desde a primeira página do livro, tanto quanto a de Marina, por quem gritam seus desejos.

Luís é um protagonista angustiado por tudo que fez para ficar com Marina. Todo esforço, boa vontade, respeito, gastos, foram desprezados pela moça que o troca por Julião Tavares, da Tavares & Cia, homem de posses e família renomada. É esta angústia que leva o narrador a matar seu rival e, depois de muitos delírios, contar a vida desgostosa partindo do resgate da memória.

A começar pelos espaços, veja-se a maneira como são evocados, descritos e de que forma contribuem para a reconstrução da memória e das lembranças de Luís da Silva.

Um espaço muito importante na narrativa é o quintal de sua casa: “[...] para minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes com um livro. Foi lá que vi Marina pela primeira vez, em janeiro do ano passado. E lá nos tornamos amigos”. (idem, p. 39).

Não obstante a diluição do relacionamento com Marina, o quintal preserva rastros de encontros, movimentos, conversas e demais tentativas de proximidade: “Frívola, incapaz de agarrar uma ideia, a mocinha pulava como uma cabra em redor dos canteiros e pulava de um assunto pra outro”. (idem, p. 40).

A lembrança do quintal, dos canteiros e dos pulos de Marina evocam a menina de “inclinações imbecis”, instável, desapegada e de pouco conteúdo, como a admiração a D. Mercedes, em quem Luís não via sinal de reconhecimento.

Esta inclinação aparece ainda no espaço do quintal, quando, de modo íntimo e erótico, estão aos beijos e com um dos seios de Marina a mostra. A reação dela depois de se entregar àquele momento dá ao narrador a confirmação de que a menina ainda não tivera contato assim com outro homem. Tal espaço, logo, evoca uma lembrança que remete à ideia de singularidade do homem que fora Luís na vida da jovem.

O quintal, seu “reduzido campo de observação” (idem, p. 70), no entanto, não ficara marcado apenas por lembranças remetidas à principal mulher desta narrativa, era também o lugar onde Vitória, empregada dele, guardava economias e uma ou outra moeda esquecida pelo patrão, jogada pelos móveis: “Essas faltas coincidem com uma grande excitação da velha. Recomeçam as fugas para o quintal” (idem, p. 32).

Em horas de aperto financeiro, o protagonista pensava em desenterrar o lugar perto da mangueira, onde suspeitava estarem escondidos seus contos “perdidos”. Quando Marina está no teatro com Julião e o infeliz Luís não tem dinheiro, lembra-se rapidamente que pode recuperar algum tostão se escavar seu próprio quintal. A lembrança da suspeita de onde estão ocultadas estas “economias” é resgatada por ele sempre que se vê em contexto de necessidade financeira: “– Ladra! Está um homem em dificuldade por causa de vinte mil réis, uma porcaria, e saber que essa miserável esconde as economias dele, economias suadas, em buracos no chão” (idem, p. 126).

Ainda assim, a maioria das lembranças resgatadas quando o quintal é o espaço de empréstimo vem por causa de Marina. O quintal possui rastros de uma Marina ausente:

À tarde voltava a sentar-me na espreguiçadeira [...]. Às vezes passos apressados revelavam-me a presença de Marina. Eu tinha vergonha de abrir os olhos, e quando me decidia a acordar, já ela estava longe. Erguia-me irritado. Perdendo ali, como um rapazinho, momentos preciosos! (idem, p. 111).

O quintal se transformou no lugar onde Luís espera por notícias do novo casal (a vizinha e Julião), e também espaço que lhe traz à memória momentos julgados como valiosos com a moça. Daí ser Marina uma personagem que vem à lembrança com mais frequência em toda a narrativa. Ela não “reaparece” somente no quintal, mas em outros espaços e rostos.

Na rua, por exemplo, a mulher com quem ele colidiu ao virar a esquina, era uma grávida que lhe “ficou profundamente na cabeça” (idem p. 134), uma mulher de “subúrbio mesquinho”, em cujos traços endurecidos pelo sofrimento, “pouco a pouco se esboçavam as feições de Marina” (idem p. 137). A suspeita da gravidez de Marina muda a evocação das recordações que têm dela, até porque, lembrar a jovem evocava ao mesmo tempo as reminiscências de Julião Tavares: “Eu fervia de raiva. Se tivesse encontrado Julião Tavares naquele dia, um de nós teria ficado estirado na rua” (idem, p. 137).

Fica evidente que as lembranças de Marina são evocadas por diversos elementos que saltam do quintal da casa de Luís. Contudo, lembrá-la é lembrar-se também de quem a roubou quase às portas do altar, Julião Tavares. O triângulo amoroso é, então, uma formação que reconstrói a memória do narrador no sentido de que muda de humor e sentimentos à medida que as lembranças surgem, conforme as relações que estabelecem entre si.

O banheiro é também um espaço que traz à memória as intimidades de Marina, eram banheiros pequenos e vizinhos onde se escutavam afazeres íntimos do outro: “Agora está reservada e silenciosa, mas o ano passado surgia como um pé-de-vento e despia-se às arrancadas, falando alto [...]. Notavam-se todas as minudências do banho comprido” (idem, p. 138).

Os detalhes do banho da Marina ausente se distinguiam da Marina do presente e, como o próprio narrador afirma, “tudo isso desapareceu”, uma vez que os rumores familiares confirmavam a suposição de gravidez e isso conduz à lembrança da grávida suburbana: “[...] o ventre disforme continuava a perseguir-

me. Era necessário falar, ir ao café, libertar-me da obsessão, do ódio que me enchia” (idem, p. 140).

Uma vez que os rastros de Marina evocam também a Julião Tavares, mesmo pensando na moça em sua intimidade e em sua fragilidade na condição da gestação, a lembrança do rival ressurgiu:

Com certeza não precisava de mim. Precisava de Julião Tavares [...]. Isto me cortava o coração e aumentava meu ódio de Julião Tavares. Vi-o claramente como o vi na tarde em que o surpreendi à minha janela, derretendo-se para Marina. Atrapalhado, procurara tapear-me com adulações. (idem, p. 140).

A gravidez de Marina traz a imagem de Julião Tavares não somente porque Luís foi trocado por ele, mas porque evidencia o abandono com que o homem de boas condições tratara a situação, enquanto o escritor de artigos por ela fez de tudo que podia e que não podia também, em termos financeiros. Devia grandes empréstimos em dinheiro pela pretensão do casamento com ela.

O estado da jovem chamou ainda à memória de Luís outras reminiscências, desta vez, com a vida familiar. O possível parto de Marina evocava os partos realizados por Quitéria:

Quitéria engendrava filhos no chão, debaixo das catingueiras, atrás do curral, e despojava-os na esteira da Isidora, em partos difíceis. Crias de cores e idades diferentes espalhavam-se por aquela ribeira [...]. Quitéria e outras semelhantes povoaram a caatinga de mulatos fortes e brabos [...]. (idem, p. 146).

Tudo o que Luís vira na infância com a família em relação à gravidez fora resgatado na memória ao passo que a gravidez de Marina se desvendava.

A vida em família é chamada à memória em diversos momentos da narrativa. Ao receber uma corda de “presente” de seu Ivo, enrolada em cima da mesa de sua casa, lembrou-se de Chico Cobra, um curandeiro que possuía jararacas e se defendia com surucucus: “Quando Chico Cobra matou um homem na feira, entrou na mata, fez um rancho de palha e cercou-se de surucucus e outros viventes semelhantes. Todas as diligências da polícia para prendê-lo falharam” (idem, p. 151). A imagem do presente de seu Ivo não só fez lembrar

Chico Cobra, como também um crime cometido, estabelecendo uma associação entre objeto e ação, já numa presunção de delito premeditado contra Julião Tavares.

A vontade de se vingar do adversário, não só por ter tirado Marina da possibilidade de um casamento seguro, mas por toda situação que causara à vida dela, tornou-se um pensamento obsessivo que levou ao assassinato. Antes e depois de cometer o crime, a ideia de executá-lo construía imagens e trazia à lembrança de Luís diversas figuras da família, da antiga vizinhança, das histórias que ouviu, dos personagens que conheceu, dos colegas que tem/tivera.

Enclausurado pela fixação de vingança/justiça, ele pensa na opinião pública e logo sua memória trabalha em torno do tempo em que os homens não liam jornais: “Penso em Filipe Benigno, que tinha um certo número de ideias bastante seguras, no velho Trajano, que tinha ideias muito reduzidas, em mestre Domingos, que era privado de ideias e vivia feliz” (idem, p. 162). Seria simples cometer um crime no tempo em que a informação era ainda menos acessível.

Seguida por Luís quando realiza o aborto, Marina e o contexto em que se encontra produzem um emaranhado de pensamentos nele, com lembranças e imagens evocadas simultaneamente:

O homem cabeludo só cuidava da sua vida; a datilógrafa dos olhos de gato copiava um boletim na máquina estragada; d. Abertina guardava os cem mil réis na gaveta; as crianças que voltavam do grupo escolar soletravam as legendas estiradas na parede. O filho de Marina morria, talvez já tivesse morrido. Pensei nos ratos, em d. Mercedes, no quintal cheio de lixo, na mulher que lava garrafas e no homem que enche dornas. Estas lembranças me produziram um aperto no coração. Quase todas me pareceram regulares, mas a ideia dos ratos era extravagante, e isto me enfureceu. Que vinham fazer os ratos ali àquela hora? (idem, p. 183).

As lembranças confusas foram evocadas conforme o estado também confuso do personagem, perturbado e cheio de ódio ao mesmo tempo em que se apiedava de Marina. Esta mistura de sentimentos e humor e, conseqüentemente, de lembranças mostram que o estado psicológico do narrador se liga diretamente à evocação da memória. Tanto é que a ideia de vingança/justiça evoca um versículo bíblico:

Palavras antigas, esquecidas, voltam-me. —“Os que têm fome de justiça”, cantavam os alunos de mestre Antônio Justino. Sede ou fome de justiça? Não me lembrava. Também não sabia as vantagens que o catecismo reserva aos que têm fome ou sede de justiça (idem, p. 184).

A vontade fixa de vingança/justiça com Julião Tavares marca um ponto único da evocação desta lembrança. Neste caso, o verso da bíblia é central nessa rememoração, isso ocorre pelo desejo do narrador, aliado ao seu antagonista e a situação que este causara à vizinha do quintal.

Tal fixação trouxe as palavras bíblicas na voz dos alunos repetidas vezes, de modo que Luís sentia-se perseguido: “Bem-aventurados os que têm sede de justiça. Esta coisa, repetida, dava-me fúrias de cachorro doido. Para que agarrar-me a sombras?” (idem, p. 185). As palavras dos estudantes como mensagem sagrada sobre justiça confirma a aflição daquele que quer fazê-la como obsessão. Por isso as sombras, que aparecem como rastros deixados quando visitava as aulas de Antônio Justino. Do que ficou, os versos de fome e sede de justiça comungam com a vontade fixamente perturbadora: sede/fome de justiça.

Mesmo quando tentava se livrar de tal fixação, sua memória lhe contradizia quando trazia à tona fatos ou imagens que provocavam ainda mais a tal fome de justiça: “Que me importava Julião Tavares? A figura de Cirilo de Engrácia passou diante dos olhos, mas logo desapareceu” (idem, p. 192). A imagem evocada é a de um homem assassinado, fora enforcado e exposto. É notadamente presumível que a ideia de vingança estava se unindo ao presente de seu Ivo, o que esclarece, mais uma vez, a associação entre suas aspirações e as lembranças que progrediam: “Cirilo de Engrácia, morto, em pé, amarrado a uma árvore, coberto de cartucheiras e punhais, tinha os cabelos compridos e era medonho” (idem, p. 194).

Na perseguição a Julião Tavares, sentindo um limbo como quem não sabe bem o que e como vai realizar algo, Luís, nervoso e inseguro, segue o oponente sem que este o perceba. Durante a aflita caminhada, o lugar escuro e cercado por mato e árvores faz evocar os dizeres de Quitéria: “—‘Matos têm olhos, paredes têm ouvidos’, dizia Quitéria sentada na prensa do quintal. Pareceu-me que as árvores em redor estavam vivas e espiavam Julião Tavares, que os galhos iam enlaçar-lhe o pescoço” (idem, p. 195). O espaço que abrigava

os momentos de tensão colocava Luís diante dos provérbios de uma personagem que o marcou de maneiras outras, além dos partos.

Este trabalho de reconstrução da memória permeia todo o processo de execução de vingança/justiça de Luís com Julião Tavares. As histórias que José Baía vinha contar-lhe no copiar (idem, p. 195-196), assim como a figura de seu Ivo bêbado (idem, p. 199), Cirilo de Engrácia (idem, p. 200-202), além de várias outras, são imagens que reapareciam e concomitantemente sumiam: “Os mergulhos que meu pai me dava no poço da Pedra, a palmatória de Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da revisão a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava” (idem, p. 198).

As sombras, os rastros que marcaram de algum modo a vida de Luís da Silva estão em toda a narrativa. A evocação das lembranças está mais central em Marina e Julião Tavares. A primeira, pelo amor que despertou e desejo de casamento; o segundo por lhe ter tirado a primeira.

A vida de Luís da Silva foi marcada pela experiência que tivera na antiga vila, pelos partos de Quitéria, pelas aulas de Antônio Trajano, pelas histórias que ouvia, por Cirilo de Engrácia. Mas também pela convivência na cidade grande, sendo funcionário da repartição, a convivência com seu Ivo, Moisés, Pimentel e, principalmente, as grandes marcas que se tornaram Marina e a “cara balofa” de Julião Tavares.

Estas últimas estão no presente do narrador, o qual, ao iniciar a narração de seu passado, já na primeira página menciona o inimigo e, nas seguintes, a jovem vizinha. Permaneceram, portanto, como rastro no presente do Luís, enquanto sua vida na antiga vila conserva-se como rastros na história contada. É importante examinar a diferença:

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios (idem, p. 7).

Esta passagem corrobora o tempo atual do protagonista, com sombras que perseguem o seu hoje. Tendo já os fatos acontecidos, pois a narração é memorialística, estas sombras, estes rastros dizem respeito às lembranças que

são arrastadas pela memória de Luís no seu presente. São memórias que aludem ao casal que o deixara sem noiva:

Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e meus dedos encontram no teclado uma resistência mole da carne gorda. (idem, p. 7)

[...]

Em duas horas escrevo uma palavra: Marina. (idem, p. 8)

[...]

Que estará fazendo Marina? Procuo afastar de mim esta criatura (idem, p. 9).

Estes trechos, escritos nas primeiras páginas da história que será contada, visivelmente se referem às lembranças no presente, depois de tudo que já havia ocorrido com as personagens.

As lembranças da vida de Luís antes do trabalho na repartição remontam aos grupos sociais de que fez parte, estabelecendo referências, como entende Halbwachs (2003), as quais fizeram parte de sua história. As lembranças deixadas por esta história, pela narrativa que conta o amor por Marina e desprezo dela por Luís ao se “encantar” pelas boas condições financeiras de Julião, são as referências para as lembranças na contemporaneidade do herói.

Disso decorre “a presença ausente e a ausência presente” que Gagnebin (2012) enseja, advertindo que daí o passado é conservado como túmulo garantido no chão do presente. Disso fica que a história de Luís da Silva, o passado com Marina, manchado pelo antagonista, preserva-se na lembrança do narrador, dando-lhe seguimento à vida atual.

Esta perspectiva de rastros é compreendida, conforme Janz (2012), pelo leitor. Luís da Silva não se mostra na narrativa um entendedor sobre a perseguição de suas sombras, no entanto seu leitor pode compreendê-lo averiguando os vestígios que o levam a isso.

O “tecido” da memória de Luís, as lembranças, sombras e rastros do passado traspassam a história, os pensamentos e as ações dele, levam a depreender acerca de sua vida e o porquê da compleição de Marina e Julião Tavares no tempo presente do narrador, fazendo dele um herói angustiado e decepcionado, comprovando que a reconstrução do seu passado se ressignifica no seu presente.

Esquecer ou apagar os rastros é quesito impossível na narrativa, pois são eles que motivam a angústia do narrador, numa consulta à memória, semelhante à de Antero de Quental, em que talvez o sentimento de aflição levasse Luís à mesma conclusão do poeta português: “—Não, não valia a pena!”, mas o angustiado não se questiona sobre sua conduta final. O certo é que ele provavelmente concordaria com Adélia Prado, pois o que sua memória amou, eternizou-se.

Fracassado como Bentinho e Paulo Honório, o herói angustiado não teve, como Leonardinho, a oportunidade de se regenerar. Suas memórias tecem o que lhe consome no presente e as razões pelas quais vive desgostoso: a estima recebida com desprezo, o luxo/lucro em lugar do respeito, a luta não reconhecida, o resultado de angústia em vez de amor.

Algumas conclusões

Considerando as discussões baseadas nas ideias de rastro de Walter Benjamin, e sobre a reconstrução da memória, a partir de Halbwachs e outros, entende-se que esta se faz partindo das referências que tem, o que confirma a negação de uma memória individual em detrimento de uma memória coletiva. O relato do passado, por exemplo, requer o trabalho com a memória e isso valoriza a existência de rastros, do jogo de ausências presentes ou presenças ausentes (JANZ, 2012).

Tendo em vista que na obra *Angústia* o narrador Luís da Silva faz um relato de seu passado, a evocação de suas lembranças, segundo a análise empreendida, constrói um tecido da memória que consiste na associação com seus desejos.

As lembranças relacionadas à sua vida antes de ser funcionário na repartição são trazidas à medida que planeja e executa o assassinato de Julião Tavares. As sombras das histórias que ouviu, dos crimes que tomou conhecimento, dos dizeres de Quitéria, do versículo sobre justiça, entre muitas outras, perseguiram Luís da Silva nos momentos de raiva e perturbação causadas por seu rival e pelo abandono de Marina.

Estas duas personagens também se constituem lembranças evocadas no presente do narrador, o qual vive de maneira que imagens e passagens da vida relacionadas a eles visitam a memória do decepcionado herói, que vive uma angústia plena solidificada em rastros indelévels na rememoração das experiências.

Assim, em *Angústia*, Luís da Silva conta sua história no tecido da memória sem compreender que a reconstrução desta traz à tona rastros, marcas de sua vida que auxiliam o leitor a compreender seu presente, suas lacunas, seu modo decepcionado de falar, sua angústia.

MEMORY OF TRAIL IN *ANGÚSTIA*

ABSTRACT: This article analyzes the evocation of the memories of Luís da Silva, narrator of Graciliano Ramos's *Angústia*. In the case of a hero who narrates past events, the purpose of this work is to investigate how his memory is reconstructed as his story is told, trying to understand which are the trail, the marks of the past that remain in the present of the protagonist. For this, the article discusses the process of memory reconstruction with Halbwachs (2003), Bosi (2007) among others and also Walter Benjamin's ideas of trail as discussed by Ginzburg (2012), Janz (2012) and Gabnebin (2012). In the light of such discussions, it is understood that the narrative mainly makes the Marina beloved and soulless and the "cara balofa" of Julião Tavares memories that cultivate an afflicted gift for Luís da Silva. It evokes a past that re-signifies the present, as certain memories reappear, composing a new sense that feeds its revenge against the rich rival. Life in the old village and the disappointments caused by the old bride desirous of luxury are memories in a process of remembrance that explains failure, revenge and anguish, showing the reader the trail that make the protagonist a disappointed and distressed hero.

Keywords: Memory. Trail. Memories. Storyteller.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. A. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: FTD, 1993.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- BRECHT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CARVALHO, M. E. F. *Pelas veredas do popular: um estudo sobre memória, identidade e narrativa histórica no contexto escolar*. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2010.

GABNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In. SEDLMAYER, Sabrina. GINZBURG, Jaime. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Pelo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In. SEDLMAYER, Sabrina. GINZBURG, Jaime. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Pelo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JANZ, Rolf-Peter. Ausente e presente: sobre o paradoxo da aura e do vestígio. In. SEDLMAYER, Sabrina. GINZBURG, Jaime. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Pelo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 99.

QUENTAL, Antero. Consulta. In. *Sonetos Completos de Antero de Quental*. Porto: Livraria Portuense, 1886. Disponível em: <http://purl.pt/122/6/l-91971-p_PDF/l-91971-p_PDF_24-C-R0072/l-91971-p_0000_anterrosto-127_t24-C-R0072.pdf>. Acesso em 20.07.16

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982.

RAMOS. Graciliano. *São Bernardo*. São Paulo: Record, 1983.

Data de Submissão: 06/03/17

Data de Aprovação: 06/05/17